

Impressões de Roberto Machado: amigo, artista e pensador da alegria do viver

Miguel Angel de Barrenechea*

Resumo: Trata-se de um relato pessoal do autor, como um testemunho do ensinamento que Roberto Machado transmitia a seus alunos e amigos para além do rigor de seu trabalho de intérprete da filosofia. Ler Roberto Machado, e conviver com ele, permitiu ao autor conhecer um pensador brasileiro que cultuava a alegria trágica do viver, inspirado na concepção nietzschiana de existência. Um intelectual antidogmático dedicado ao estudo, à arte e à vida.

Palavras-chave: Roberto Machado, Nietzsche, arte de viver, filosofia

Impressions of Roberto Machado: friend, artist and thinker of the joy of living

Abstract: It is a personal account of the author, as a testimony of the teaching that Roberto Machado transmitted to his students and friends, beyond the rigor of his work as an interpreter of philosophy. Reading Roberto Machado, and living with him, allowed the author to meet a Brazilian thinker who worshiped the tragic joy of living, inspired by the Nietzschean conception of existence. An anti-dogmatic intellectual dedicated to study, art and life.

Keywords: Roberto Machado, Nietzsche, art of living, philosophy

E resolvi expressá-las [impressões de Roberto Machado sobre Foucault] não como explicação ou homenagem – mas por saudade – essa vontade de eternizar as coisas que passam. (MACHADO, 2017, p. 434).

Penso em sua importância para mim [de Foucault para a vida e obra de Roberto Machado], por seus livros, seus artigos, suas aulas, suas conferências, mas também por seu comportamento, por suas atitudes, seu afeto; sua obra mudou minha vida. Desde que comecei a estudá-la, passei a pensar diferente. (MACHADO, 2017, p. 13).

Impressões sensíveis antes de qualquer conceituação ou teorização

Tive a ousadia de começar o texto sobre o querido mestre Roberto Machado, empregando (“pirateando”, no sentido deleuziano) o título que ele dedicou nada menos que ao seu mestre e amigo, o grande pensador francês, Michel Foucault. Ousadia de usar o título da última obra de Roberto para este singelo texto justamente sobre ele. Quero destacar, desde o

* Professor da UNIRIO. Contato: miguelb@ig.com.br

início, que esta apropriação não seria uma comparação entre a relação que ele estabeleceu com Foucault com a que eu tive o prazer de cultivar com Roberto. Claro que não pretende ser uma analogia ou comparação de processos de aprendizado ou amizade. Resgato, apenas, um termo tão preciso como de “impressões” para aludir ao aspecto sensível das relações. Achei muito apropriado empregar essa palavra para tratar de tantas coisas que vivi a partir do contato com o filósofo recifense. Fui aluno, orientando, colega; partilhamos festas e animadas peladas de futebol nas praias de Ipanema e outras intensas vivências, filosóficas, artísticas, esportivas e pessoais. Roberto Machado foi um filósofo que realizou uma obra teórica relevante, a partir da filosofia de Foucault e de outros grandes pensadores, como Deleuze e Guattari. Eu, graças ao contato com Roberto, tornei-me docente e comentarista, principalmente, da obra de Nietzsche.

Então, feito o esclarecimento, friso mais uma vez a proposta afetiva, pessoal, destas ponderações, que não pretendem ser – muito longe disso – uma análise da obra ou do percurso teórico de Roberto Machado. Minha voz, neste momento, almeja lembrar, recordar, eternizar (pelo menos inicialmente, para mim mesmo, recuperando, no relato, *impressões* essenciais de minha vida) instantes partilhados com um filósofo que fez da alegria de viver uma atitude permanente. Por isso, não pretendo realizar um estudo *sistemático* – sobre qual seria a contribuição teórica de Machado – ou *cronológico* – a respeito da “progressão” das teses, da docência e dos livros por ele publicados. Nestas linhas, que dedico ao professor e amigo, almejo simplesmente recordar – seguindo sua bela proposta de “eternizar as coisas que passam” –, concretizar, em algumas palavras, tantas saudades, tentar balbuciar, em algumas páginas escritas, certas *impressões* deixadas por essa pessoa a quem considero essencial.

Primeiro encontro à distância: a necessidade do acaso

O meu primeiro encontro com Roberto Machado foi totalmente casual. Casual e decisivo, embora tenha ocorrido longe dele fisicamente, a milhares de quilômetros do Rio de Janeiro, em Uruguaiana, quando retornava do Rock in Rio, em 1985. Para mim, esse encontro de arte, rock, liberdade foi um contato singular com Rio e com Brasil em geral. Inclusive, no encontro de rock conheci alguns estudantes do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que me convidaram a conhecer esse centro de estudos. Como estavam de férias, apenas me informei da possibilidade de cursar mestrado em filosofia. Na época, era pesquisador bolsista na área de Estética, vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

Durante a viagem de retorno à Argentina, fiquei pensando na possibilidade de fazer o mestrado no Rio, uma cidade com lagoas, florestas, montanhas, praias, com a capacidade de gerar um encontro de rock extraordinário, além da beleza de costumes abertos, de corpos mais soltos, de encontros mais espontâneos. Aludo aqui às diferenças com as minhas vivências na Argentina, que após duas guerras (do confronto civil-militar, em 1976-1982 e das Malvinas, 1982) tinha marcas fortes, intensas e memórias dolorosas. Naquela época, Rio e Brasil apresentavam outros modos de viver, formas mais leves de lidar com a existência. O Rio não era apenas um balneário, mas uma cidade com cultura, artes, esportes e também hábitos diários de contato com a natureza.

Volto ao relato de Uruguaiana. Cheguei à fronteira ainda com alguns trocados da moeda local no bolso, disposto a fazer uma última refeição ou gastar esse punhadinho de notas e moedas em algum presente para meus parentes e amigos, como uma caixa de bombons tradicionais do Brasil, ou alguma lembrancinha com a imagem do Cristo ou do Corcovado. Inesperadamente nesse lugar tão remoto dos grandes centros culturais, havia uma banca com alguns livros. Fiquei chocado, cheio de curiosidade ao ver um exemplar de um livro filosófico, entre jornais, revistas esportivas, de espetáculos e publicações de frivolidades. Mas o impacto foi ainda maior, pois o título era: “Nietzsche e a verdade”, autor: Roberto Machado. Na orelha, havia uma pequena resenha da trajetória do autor, docente no IFCS, Rio de Janeiro. Que coincidência! Justamente onde eu cogitava tentar o mestrado. Machado pesquisava Nietzsche, autor por qual sempre me interessei, mas não tinha aprofundado. Na minha incipiente trajetória, tinha me dedicado a estudar pensadores franceses de orientação existencial, como Sartre, Camus, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir e Marcel.

Contudo, existiu ainda outro acaso que aumentou ainda mais meu interesse pelo livro e pelo desejo de conhecer o autor. O livro tinha capa branca, com título e nome do autor em letras negras que se destacava nesse conjunto. Um detalhe de minha precária leitura do português foi decisivo. Em espanhol, geralmente, nas capas dos livros não se colocam os acentos nas palavras e, por esse motivo, em vez de “Nietzsche e a verdade”, eu li “Nietzsche é a verdade”. Isto é, pensei que não colocaram o acento no título, mas por isso o autor teria afirmado que o filósofo alemão: “é a verdade”. Fiquei perplexo. Como aquele que eu considerava questionador de todos os dogmas da filosofia ocidental poderia ser entendido como “a verdade”? Seria o pensador do Zaratustra o cume do pensamento? Poderia encontrar nele conceitos essenciais para entender a nossa conturbada contemporaneidade? “Que verdade” seria essa? Foram muitas cavilações, muitas inquietações. Mas, de fato, imediatamente comprei o livro, e não fiz minha última

refeição em Uruguaiana, nem levei qualquer presente para os meus parentes e amigos. Estava carregado de outras coisas.

O acaso me permitiu conhecer uma interpretação singular da filosofia nietzschiana; levei comigo um tesouro: um testemunho de um docente do Rio de Janeiro que me colocaria de cara com várias provocações e desconstruções do pensar nietzschiano. Além disso, essa pequena obra (não ultrapassava as 150 páginas) teve outros *usos* nos anos posteriores, pouco antes de me estabelecer no Brasil. “Nietzsche é a verdade” (assim soava para mim), além de ser inspiração essencial para construir um projeto de mestrado, constituiu-se em um precioso auxiliar idiomático. Aprendi português com o complexo texto de Roberto, com as difíceis reflexões nietzschianas. Um dicionário e “Nietzsche é a verdade” foram imprescindíveis para ir me apropriando de uma língua próxima, mas extremamente difícil, justamente por essa proximidade.

Posso dizer, agora tentando me introduzir numa das teses que creio essenciais de Roberto, que o seu livro “Nietzsche e a verdade” foi um motivo de alegria. Sua leitura me permitiu conhecer um pensador brasileiro que cultuava a alegria trágica do viver, inspirado na concepção nietzschiana de existência.

Um encontro no IFCS

Eu tive a grande alegria de ser aprovado no mestrado de Filosofia no IFCS, para o curso de 1987. Inclusive, a obtenção de uma bolsa de estudos me permitiu certa liberdade para me dedicar totalmente à pesquisa e radicar-me no Rio de Janeiro. Naquelas épocas, as bolsas de estudos, no Brasil, permitiam alugar um apartamento, pagar as contas e ainda sobravam alguns trocados. Eram outros tempos! A política educacional daquele momento fomentava a formação de quadros de docentes e pesquisadores. Panorama um pouco diferente do que vigia na Argentina, onde não existia política de bolsas para pós-graduandos, e os salários dos docentes e pesquisadores eram limitados. Isso, hoje, parece inacreditável no Brasil, em que a pesquisa e a docência estão tão desvalorizadas.

Assisti às aulas de docentes importantes, de áreas diversas da filosofia: as do próprio Roberto Machado – cujos cursos eram sempre seguidos por uma multidão de alunos –, as de Gerd Bornhein, Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Guido de Almeida, Raul Landim, Luiz Bicca, da UFRJ e Katia Muricy e José Thomaz Brum, da PUC, além de muitos outros. Nesse momento, nas diversas unidades da UFRJ e também na UERJ, UFF, PUC, UNIRIO e em outras universidades encontravam-se docentes de excelência, genuínos formadores de pensamento.

Além da alegria de assistir às aulas, sempre intensas, interessantes, tive o privilégio de conhecer colegas ótimos; muitos que estudavam autores totalmente diversos daqueles do meu interesse, como Charles Feitosa, Márcia Gonçalves, Edgar da Rocha Marques, Lia Levy, Juan Bonaccini, Fernanda Bulhões, Jorge Vasconcellos, Miguel Nascimento, a saudosa e querida Cláudia Cerqueira e outros. O grupo, além da participação nas aulas, que gerava intensos debates teóricos, era muito animado. Além do tradicional chopinho no Bar Luiz depois das aulas, quase todas as semanas havia alegres almoços e jantares em que Nietzsche, Kant, Hegel, Descartes, Heidegger e outros muitos autores eram discutidos, assim como se debatia quem era melhor “se Pelé ou Maradona”. Seguindo o ritmo das cachaças e cervejas, analisávamos e criticávamos as políticas de Alfonsín e Sarney. Era uma época intensa, criativa. Eu podia estudar rigorosamente nas tardes do IFCS, beber com colegas nas noites do Bar Luiz e frequentar as praias nas manhãs de Copacabana. Para mim, a opção de viver e estudar no Rio foi uma importante guinada na vida, uma aposta que estava dando certo.

Roberto docente

O mestre extraordinário ministrava suas aulas, minuciosamente elaboradas, sempre manuscritas pacientemente com diversas cores, para exaltar alguns conceitos, apresentando suas pesquisas pessoais, suas teses e conclusões provisórias que expunha a todos nós. Ele propunha que essas teses fossem debatidas, checadas, avaliadas. Roberto não adotava nunca uma fala magistral, mas apresentava um desdobramento de teses em construção, que nos instigavam a debater e refletir. Contudo, ele dirigia, com clareza e sem hesitações, os debates para os assuntos avaliados. Quando as digressões de alguns discentes fugiam do tema principal, com muita elegância, ele restringia a fala do aluno e voltava ao problema estudado. Cada curso era uma precisa exegese de um autor que ele pesquisava ou sobre o qual estava escrevendo: Nietzsche, Foucault, Deleuze, Proust, para citar os mais frequentes. A filosofia era o escopo principal de suas reflexões, contudo, sempre aludia a artistas, escritores ou autores das ciências sociais e de outras áreas afins. Roberto tinha a convicção de que é importante estudar a história da filosofia, seus grandes pensadores, mas é essencial articular as teses propriamente filosóficas com saberes da arte, das ciências sociais e de outras ciências, assim como estudar o contexto social e político, em que cada filosofia é formulada.

A orientação do Roberto era “outra” coisa

O primeiro contato com ele, em que definimos que o meu projeto de mestrado estaria centrado no estudo de “Nietzsche e o corpo”, Machado foi incisivo ao ler alguns textos, que eu

tinha elaborado anos atrás. Muitos eram claramente jornalísticos – atuei na *Gaceta de la tarde*, *Diario Popular* e *Clarín*, na Argentina –, e outros eram escritos iniciais e incipientes sobre Nietzsche. Nesse primeiro contato, ele comentou, elegantemente, sem ironia, mas com convicção e marcando como entendia a pesquisa em filosofia: “Seu estilo é jornalístico, eu pensei que fosse formado em jornalismo.” Esse sintético comentário trazia importantes indicações que serviriam para avançar nas minhas pesquisas futuras. Ele destacava a importância de justificar, rigorosamente, as teses apresentadas sobre qualquer autor, sobre todos os temas analisados. Questionava afirmações rápidas e sem sustentação conceitual ou factual. O jornalismo era entendido como uma escrita que não atingia o rigor esperado em trabalhos acadêmicos. Soube, anos depois, ao ler “Impressões de Michel Foucault”, que juntamente com o pensador francês, Roberto Machado (2017, p. 116-117) também valorizava pensamentos oriundos do jornalismo, como uma fala sobre o presente, sobre o que acontece e passa, sobre fatos do momento. Contudo, nessa primeira e marcante orientação, ele propunha que mergulhasse na obra de Nietzsche, assim como estudasse seus principais comentadores.

Esse rigor na avaliação crítica dos meus textos foi essencial para aprimorar minha pesquisa, minha escrita – eu ainda escrevia em espanhol, naquele longínquo biênio 1987-88, e era traduzido ao português pelo querido e saudoso amigo argentino Juan Bonaccini, que morava há anos no Brasil e tinha um excelente domínio da língua portuguesa. A grande peculiaridade do estilo de orientação de Roberto, admirada e às vezes “temida” por alguns orientandos, era ler “todos” os trabalhos dos discentes, riscar praticamente todas as páginas com indicações e sugestões, até apontar os mínimos erros em português. A orientação de Roberto era uma escola de argumentação, de crítica de pensamento, de consistência e de beleza na escrita. Nós, seus orientandos, num misto de admiração e temor, comentávamos que ele corrigia “até as vírgulas”.

Mestrado e doutorado com Roberto

As aulas de Machado, como apontei no início, eram seguidas por estudantes do IFCS, mas também de outras universidades, assim como por artistas, psicólogos, sociólogos e outros ouvintes das mais diversas áreas. As aulas das segundas e terças-feiras eram genuínos “acontecimentos”. Era necessário chegar pelo menos uma hora antes para conseguir um lugar nos concorridos cursos. Roberto estimulava a diversidade de interpretações, mas sempre colocava claramente qual era sua hipótese, que geralmente aproveitaria para a elaboração de um livro, de um artigo ou de uma palestra.

Ele organizou grupos de estudo na sua bela casa do Jardim Botânico, onde estavam Rosa Dias, Rosana Suárez, Luiz Celso Pinho, Viviane Mossé e outros orientandos, que apresentavam suas pesquisas para discutirmos minuciosamente. Roberto sempre tinha uma visão clara, nítida do trabalho de cada orientando. Para além das sugestões argumentativas e de escrita, ele pretendia que cada discente encontrasse o ponto central, a questão relevante e singular de sua tese. Destacava que a orientação – tanto do mestre como dos colegas – devia estar a serviço do pensamento do estudante. Por isso, nunca indicava um caminho interpretativo, uma leitura definida; cada um devia encontrar sua tese, seu trajeto teórico. Ele valorizava a autonomia, a liberdade interpretativa. Essas orientações estavam marcadas pelo *rigor hermenêutico* e pelo *convite à singularidade da interpretação*. Para além das amenas e intensas orientações coletivas, nos grupos do Jardim Botânico, nosso orientador nos guiava em uma minuciosa orientação individual. Lembro-me de ter escrito três ou quatro vezes cada capítulo da dissertação e da tese! Foi um processo duro. Difícil. Às vezes, muitos de nós, orientandos, éramos tentados a desistir, pois as críticas pareciam mostrar grandes dificuldades para avançar. Contudo, aqueles que continuavam conseguiam importantes resultados: nossas dissertações e teses resultavam em textos muito bem escritos – checados e avaliados pelo mestre e pelos colegas –, com hipóteses consistentes e muitas vezes originais, que permitiam, em muitos casos, a publicação posterior do suado trabalho – como ocorreu comigo.

Roberto era famoso por suas grandes exigências nas orientações, contudo, tinha uma frase convincente e irrefutável para nos instigar a escrever melhor e argumentar com mais consistência: “É melhor que eu critique cada um de vocês, aqui entre nós, nestas quatro paredes, antes que sejam contestados em público por membros da banca. Se vocês passam pela minha crítica, seguramente passarão na defesa pública do trabalho.” De fato era assim. Ele nos ensinou a escrever, argumentar, pesquisar e até não esquecer nenhuma vírgula no texto escrito. Parafrazeando Ché, ele era: “Duro, mas sem perder a ternura jamais.”

Em 1992, Machado presidiu um concurso para professor substituto de Estética no IFCS, em banca formada por Mário Guerreiro e Miriam Terezinha. Nesses anos do início da década de 1990, não havia praticamente concursos públicos para docentes no Brasil. Eu me candidatei para essa vaga que arregimentou mais de 30 inscritos. Na prova oral, a banca permitiu que os candidatos aprovados na avaliação escrita escolhessem qualquer autor entre os indicados no edital. Entre os dez pontos do programa escolhi “O nascimento da tragédia”, e empreguei várias passagens e interpretações de “Nietzsche e a verdade”, de Roberto, para a preparação da aula. Tive a sorte de ser aprovado e de iniciar meu caminho pedagógico no Brasil, empregando justamente a interpretação de meu orientador.

Ainda orientando, mas colegas na docência

A minha passagem docente no IFCS foi intensa, porém não muito longa. Comecei em 1992, mas em 1993 tive a possibilidade de realizar um concurso para professor efetivo de Estética na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), em Ouro Preto-MG. Consegui passar em primeiro lugar, ainda desempenhando atividades como professor substituto no IFCS. Naquele momento, tinha muitas dúvidas com relação à opção de migrar para Ouro Preto e iniciar um novo percurso docente, em um lugar totalmente diferente ou permanecer no IFCS, à espera de outro concurso para uma vaga de efetivo. Consultei Roberto, que além de orientador acadêmico, agiu como amigo e conselheiro. Nessa época, ele estava lecionando e escrevendo sobre “Zaratustra”, que daria lugar à publicação de “Zaratustra, tragédia nietzschiana”, e discutia a teoria do eterno retorno, que exige a afirmação incondicional do que acontece, a celebração irrestrita da vida e daquilo que ela nos oferece em cada momento. Ele me disse que tinha lecionado em diversos lugares. Sugeri que eu fosse a Ouro Preto, que percorresse as suas ruas, que fosse ao lugar onde eu iria lecionar, que conhecesse minuciosamente a cidade. Também sugeri que voltasse depois ao IFCS e que avaliasse como estavam as minhas aulas, e como estava a minha vida no Rio de Janeiro. De fato, fui mais de uma vez a Ouro Preto. O mestre me deu uma indicação importante. Entendi suas sugestões como outra guinada, outro gesto das forças vitais. Tinha necessidade de mudar de ares. Mudei, então, para Ouro Preto, quando ainda estava na fase de elaboração da minha tese de doutorado. Tornei-me docente do Instituto de Filosofia e Cultura (IFAC) da UFOP.

Continuei o contato com o mestre. Viajava periodicamente ao Rio e assistia as suas aulas, assim como discutia com ele os capítulos de minha tese. Em janeiro de 1998, defendi minha tese sobre “Nietzsche e a liberdade”, sob a firme orientação de Machado, que permitiu frutificar um trabalho sobre liberdade, um tema pouco transitado pela crítica nietzschiana. Também fui aprovado em outro concurso no Rio de Janeiro, para Filosofia Geral na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Já começava, então, a me despedir da alegre e produtiva passagem por Ouro Preto. Como corolário, com o colega e amigo mineiro Olímpio Pimenta, organizamos o simpósio “Assim falou Nietzsche”. Foi um evento que, inesperadamente, congregou centenas de estudantes que lotaram o Teatro Municipal de Ouro Preto, em novembro de 1998. Roberto foi o convidado especial – junto com outros queridos docentes do Rio: Rosa, Cristina, Rosana e etc. –, e fez um fechamento magistral do simpósio, apresentando suas ideias principais sobre “Zaratustra”. Também mostrou o seu viés artístico, quando fez a leitura de sua adaptação teatral de “Assim falou Zaratustra”. A leitura

causou grande impacto e alegria. O corolário do evento foi uma festa sob a inspiração apolíneo-dionisíaca, da qual tinha falado Roberto, e que nós, professores, discentes e passantes curtimos madrugada mineira adentro.

Futebol, eventos e a continuidade de uma parceria

Havia bastante tempo que Roberto Machado tinha convocado os discentes de suas aulas a jogar futebol em Ipanema. Lembro que eu já morava e lecionava em Ouro Preto – creio que deveria ser em 1993 ou 1994. No final de uma de suas aulas, ele tirou da bolsa uma bola de futebol. Abriu um sorriso maroto e alegre, quase como de uma criança que está propondo realizar uma traquinagem e, em meio a embaixadas, lá mesmo no corredor do 3º andar do IFCS, ao lado da cantina, convocou a turma pra uma pelada no dia seguinte em Ipanema. Muitos partilhamos da alegria e do gesto insólito em um acadêmico, do qual geralmente esperamos sisudez e gravidade, e iniciamos uma breve partida de cabeçadas. No outro dia, éramos mais de uma dezena de marmanjos filosóficos tentando jogar futebol na arena ipanemense. A partir desse dia, as peladas semanais continuaram como um ritual de Roberto. Foi um encontro alegre, animado, concorrido, pleno de paixões alegres, no qual participavam discentes, professores e amigos das mais diversas orientações teóricas. Ou seja, não era um “encontro de nietzschianos”, mas um encontro nietzschiano, de celebração do jogo, do lúdico, da alegria. Lá estavam Arthur Leal, Orlando Bezerra, Luiz Celso Pinho, Alexandre Leão, Paulo Oneto, Jorge Vasconcellos, Fernando Duarte, Fernando Santoro, Charles Feitosa, André Martins, Edgard da Rocha e um grande número de entusiastas “peladeiros” nas areias de Ipanema. Também era habitual que muitos integrassem a “concentração”, como Alexandre Mendonça e Adriany Mendonça: eles chegavam pontualmente, antes do início dos jogos, mas participavam exclusivamente apenas na degustação da cerveja, no quiosque próximo aos intensos confrontos. Nessas disputas, não importava ganhar, perder ou empatar, o importante era a alegria lúdica dessas tardes inesquecíveis.

Roberto adotava o preceito nietzschiano de “se embriagar em um copo d’água”, pois ele sempre retornava de bicicleta para sua casa no Jardim Botânico, portanto, trocava a cerveja por água de coco. O futebol filosófico ou futebol dionisíaco permaneceu durante muitos anos, nas tardes das quintas-feiras, de 15h às 18h, até já entrado o terceiro milênio, em 2005, quando realizamos as últimas partidas. O término desses encontros é misterioso. Aos poucos, cada um de nós, por diversos motivos, deixou de jogar essa pelada.

No jogo, o estilo de Roberto era intenso, combativo, incansável. Por isso, seu apelido era “Dunga”, em alusão a um meio-campista da época, famoso pela sua potência e entrega no

jogo. Roberto era nosso Dunga: implacável na defesa, um verdadeiro “cão de guarda”. O problema era jogar contra ele, pois as coisas ficavam difíceis. Diversas vezes o enfrentei. Roberto jogava com muita “seriedade”; era inflexível na marcação. Certa vez, na disputa de uma bola próxima do gol, ambos fomos com muita força na “dividida”. Depois do violento choque, Roberto reclamou, mancando: “Miguel, você me hospitalizou” e minha resposta foi rápida: “Você também”. Não houve caras feias, ambos mancando nos abraçamos, rimos e o jogo continuou. Enquanto nós dois, meio “baqueados”, já “fora de combate”, fomos devagar para o quiosque mais próximo, para iniciar o ritual da cerveja.

Uma trajetória ampla, uma visão das coisas em permanente transformação

O último evento de que participei com Roberto foi o lançamento do seu último livro, “Impressões de Michel Foucault”, em agosto de 2017, em uma palestra na Unirio. Mais de uma centena de discentes, docentes, artistas, psicanalistas, psicólogos e outros ouvintes lotaram o Anfiteatro Paulo Freire. A sua fala magistral, clara, serena e crítica foi proferida em um momento social e político muito complexo e preocupante, não apenas cativou a todos, mas nos instigou-nos a refletir. Ele realizou uma análise sobre a obra e a trajetória de Foucault, debruçando-se sobre a conjuntura social e política do momento, cujas graves consequências ainda continuam e nos afetam, com o avanço de forças reativas. Machado enfatizava a necessidade de exercer a *resistência* – conceito relevante da filosofia foucaultiana – a poderes que querem nos limitar, cercear, despotencializar. Ele realizou uma retrospectiva lúcida da obra de Foucault, mas também desvendou sua própria trajetória pessoal, além do seu encontro com o autor. As suas reflexões sobre o poder, sobre os discursos, sobre os sistemas de controle do passado e da atualidade, aportaram lucidez e força para lidar com a época reativa que estamos padecendo: de retrocessos sociais e políticos, de conservadorismo e opressão. Suas palavras sopravam sobre nós como ar fresco em um momento sufocante. “Impressões” é um texto claro na análise dos conceitos de Foucault, no qual Roberto frisa que foi fortemente influenciado pelo vigoroso pensamento foucaultiano. Contudo, ele desenvolveu um percurso teórico, político e existencial, desapegado de toda ortodoxia, fixidez e dogmatismo. Roberto foi um genuíno pensador independente, cultivando uma reflexão em contínua mutação. Ele desenvolveu, desde seus inícios teóricos, um tom perspectivista, um olhar inquieto, capaz de incorporar pensares diversos, desde noções das ciências, como da medicina e da psiquiatria, até trabalhar com imagens das artes, como teatro, cinema, literatura, etc.

Há uma filosofia machadiana?

Roberto Machado analisou e desenvolveu interpretações originais sobre diversos autores, principalmente, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Guattari, Proust. Eu tive a possibilidade de ler diversas de suas obras, como “Nietzsche e a verdade”, “Zaratustra, tragédia nietzschiana”, “Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia”, “O nascimento do trágico”, entre outras. Seu percurso foi muito rico e amplo. Na sua formação, transitou por concepções e autores diversos. Inicialmente, estudou fenomenologia, particularmente o pensamento de Husserl, durante o mestrado realizado na Bélgica. Sem dúvida, essa corrente, de grande complexidade conceitual, estimulou a precisão e consistência de seu pensar. Nessa etapa de formação também teve contato com as teses estruturalistas e, posteriormente, nos seus estudos e cursos livres na França, aproximou-se das ideias materialistas de Althusser, assim como da concepção existencialista do denominado “último Sartre”, afinado com a concepção do materialismo dialético. Surpreende-nos saber, nesse sentido, que o jovem Roberto Machado, escreveu, em Paris – talvez sob a influência e impactos do “Maio francês” –, um texto que justamente apoiava a “luta armada”, como única saída política para Brasil, em uma revista universitária de tendências radicais. Esse jovem, que logo iria abandonar essas teses extremas, sempre adotou uma visão engajada com as questões sociais.

Ainda no Recife, esteve próximo de grupos católicos, que postulavam posturas libertárias, afins com a “Teologia da Libertação”. Sempre cultuou uma ativa militância política, articulada com propostas e grupos progressistas, questionando as imposições de um sistema político no Brasil – que nos anos de 1960 e 1970, particularmente de forma mais repressiva após o golpe de 1964, adotaram políticas autocráticas, contrárias a quaisquer práticas democráticas, e alheias às reivindicações populares. Seu engajamento com as questões sociais e políticas se materializou em intenso trabalho ao retornar ao Brasil, após os estudos na Bélgica, na França e na Alemanha.

Quando retornou ao Brasil, após sua formação na Europa, estudou intensamente – influenciado pelo método arqueológico foucaultiano –, os documentos de arquivos de hospitais do Rio de Janeiro, do final de Século XIX e início do século XX, constatando como a medicina e a psiquiatria, adotaram uma visão biologista e reducionista da psique humana e exerceram poderes que levaram à reclusão de inúmeros seres humanos, na instalação de instituições manicomiais e na medicalização da denominada “loucura”. Roberto lutou contra essas instituições manicomiais, aproximou-se de Franco Basaglia, o grande teórico italiano, lutador da causa antimanicomial, com quem teve uma intensa troca teórica, até seu encontro no Brasil, quando o convidou para ministrar uma recordada palestra na Pontifícia Universidade Católica

do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Também se aproximou das tendências da medicina social, concordando com sua crítica às posturas psicanalíticas instauradas que, naquele momento, pretendiam exercer uma hegemonia excludente no campo da saúde mental. O seu engajamento foi decisivo, ao ponto de solicitar ao próprio Foucault realizar uma carta de apoio à medicina social.

Como fica claro, após esses apontamentos e lembranças pessoais, os interesses teóricos, políticos, sociais e artísticos de Roberto foram muito amplos. Contudo, ele não aderiu dogmaticamente a nenhuma doutrina ou concepção filosófica. Marcado pela arqueologia e pela genealogia foucaultiana, pelo nomadismo teórico de Deleuze e Guattari, pelo perspectivismo nietzschiano, sempre adotou um pensar independente e antidogmático. Movido por uma multidão de “inspirações” teóricas, sempre “maquinou” – no sentido deleuziano – os diversos saberes. Transitou desde pesquisas factuais – como aludimos acima, sobre medicina e psiquiatria –, até empreender atividades artísticas no campo da escrita, do cinema, do teatro, etc. Roberto fez uma versão teatral de “Zaratustra”, que apresentou no Parque Lage, em Ouro Preto, na Unirio, entre outros cenários; fez roteiros para cinema e teve uma rápida participação no filme de Bressane-Dias, “Dias de Nietzsche em Turim”.

Roberto me comentou, em Natal-RN, há alguns anos, talvez no início da década de 2010, em uma amena caminhada na praia de Ponta Negra, que nesse momento de sua vida queria se dedicar exclusivamente a escrever ficções. Ele almejava se afastar dos afazeres teóricos e acadêmicos, queria falar sobre questões mais vitais, mais concretas da existência humana. Essa revelação me surpreendeu muito, já que, para mim, Roberto sempre foi essencialmente um eminente teórico, um brilhante acadêmico. Contudo, nessas confissões, ele relevava sua feição mais potente, nesse momento, de artista, de escritor. Pouco tempo depois daquele belo encontro, soube que estava escrevendo uma autobiografia e que estava na fase final da elaboração de um livro sobre Proust.

Um filosofar da alegria de viver

Creio que me excedi um pouco ao tentar sintetizar as minhas impressões sobre Roberto Machado. Talvez tenha sido tomado por um *pathos* ou por uma “tentação” de “sistematizar” a obra, o pensamento dele. Tentação estéril. Ele não procurou construir um sistema, não almejou elaborar uma orientação filosófica ou uma tendência ou método próprio. Ele sempre lutou contra toda tentativa de encapsular a realidade em uma série de fórmulas, de tecer visões onicompreensivas sobre o devir vital. Por isso, era nítida a sua leveza, que se harmonizava com uma atitude rigorosa e profunda, ao avaliar e discutir ideias, conceitos, visões do mundo.

Roberto não nos instigava a adotar a genealogia, a arqueologia, nem o perspectivismo ou qualquer outro *ismo* ou tendência filosófica. Ele sempre foi exigente, profundo para refletir sobre conceitos, teorias, sistemas. O rigor interpretativo foi uma das marcas de sua atitude filosófica. A outra característica primordial do seu pensar foi seu olhar artístico e lúdico sobre o mundo.

Roberto me ensinou que o pensar pulsa para além dos pesos, das marcas da moral, da religião, das políticas, das tendências acadêmicas e de todas as instituições vigentes. Para além dos valores e conceitos hegemônicos, ele desenvolveu um olhar proteiforme, lúdico e alegre sobre um mundo em devir e em contínua mudança. Conceitos, sistemas, valores, instituições são apenas “óculos”, “miragens” para enxergar e agir no mundo. Pontos de vista. Ondas no mar do eterno e instável devir vital. Assim, acolhendo esse movimento incessante, esse permanente construir e destruir de tudo, como fez Machado, libertamo-nos de toda imposição, de toda diretriz, de toda crença que se pretenda perene ou imutável.

No dia 21 de maio de 2021, Roberto se ausentou, nos deixou, foi embora. Contudo, cada vez que vou rumo à Lagoa tenho a impressão de que vou encontrá-lo novamente. Que vamos caminhar e rir juntos. Impressões? Fantasias? Talvez. Mas para mim, para além da suposta imposição – “irredutível”? – dos *fatos*, a alegria de Roberto está sempre presente... Neste momento tão duro que estamos vivendo, tão decepcionante, em que padecemos políticas retrógradas e despóticas, Roberto continua sendo alegria, oxigênio, ar puro...

Gracias Roberto!

Referências bibliográficas

- MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: N-1 Edições, 2017a.
- _____. *Nietzsche e a polémica sobre O nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: N-1 Edições, 2017b.
- _____. *O nascimento do trágico: De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- _____. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Recebido em 16/12/2021

Aprovado em 26/02/2022